Um livro de cruzamentos, verde

Autor(es): Rossa, Walter; Lopes, Nuno; Gonçalves, Nuno Simão

Publicado por: Imprensa da Universidade de Coimbra

URL persistente: URI:<http://hdl.handle.net/10316.2/44306>

DOI: DOI:https://doi.org/10.14195/978-989-26-1556-1_1

Accessed : 26-Apr-2023 06:06:33

A navegação consulta e descarregamento dos títulos inseridos nas Bibliotecas Digitais UC Digitalis, UC Pombalina e UC Impactum, pressupõem a aceitação plena e sem reservas dos Termos e Condições de Uso destas Bibliotecas Digitais, disponíveis em <https://digitalis.uc.pt/pt-pt/termos>.

Conforme exposto nos referidos Termos e Condições de Uso, o descarregamento de títulos de acesso restrito requer uma licença válida de autorização devendo o utilizador aceder ao(s) documento(s) a partir de um endereço de IP da instituição detentora da supramencionada licença.

Ao utilizador é apenas permitido o descarregamento para uso pessoal, pelo que o emprego do(s) título(s) descarregado(s) para outro fim, designadamente comercial, carece de autorização do respetivo autor ou editor da obra.

Na medida em que todas as obras da UC Digitalis se encontram protegidas pelo Código do Direito de Autor e Direitos Conexos e demais legislação aplicável, toda a cópia, parcial ou total, deste documento, nos casos em que é legalmente admitida, deverá conter ou fazer-se acompanhar por este aviso.

OFICINAS DE MUHIPITI

planeamento estratégico
património
desenvolvimento

organização:

Walter Rossa

Nuno Lopes

Nuno Simão Gonçalves

UM LIVRO DE CRUZAMENTOS, *verde*

Walter Rossa
Nuno Lopes
Nuno Simão Gonçalves

Na esteira de inúmeros contributos para o conhecimento e salvaguarda da Ilha de Moçambique, de que ganharam estatuto familiar um *livro azul* (1985) e um *livro amarelo* (2012), este *livro verde* regista e visa difundir os principais aspetos e resultados do evento que as universidades de Lúrio e de Coimbra levaram a cabo na Ilha de Moçambique, entre os dias 19 e 29 de julho de 2017, intitulado *Oficinas de Muhipiti: planeamento estratégico, património, desenvolvimento*. Muhipiti é o nome em língua Macua para a Ilha, bem inscrito desde 1991 na Lista do Património Mundial da UNESCO. A edição do livro cruza-se com a exposição de cartazes homónima, concebidos de forma a surgirem como um conjunto sem, contudo, pôr em causa as respetivas autonomias. Competiu-nos conduzir esses dois processos editoriais, que só por isso aqui apresentamos, não se devendo iludir o facto de a produção do evento ter também estado a cargo dos colegas da UniLúrio, a quem desde logo agradecemos na pessoa do inexcelável Diretor da Faculdade de Arquitetura e Planeamento Físico, Isekiel Alcoleite.

A ação foi espoletada pelo desafio que o Reitor da Universidade Lúrio lançou, em setembro de 2016, aos então coordenadores do projeto e curso de doutoramento Patrimónios de Influência Portuguesa da Universidade de Coimbra para, de forma cruzada, pensarem como potenciar a instalação, em curso, da universidade na Ilha com a criação da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, em prol da preservação do seu património e bem-estar dos seus habitantes. A ideia rapidamente evoluiu para o estabelecimento de uma discussão com os colegas da Universidade Lúrio com vista à definição e implementação dinâmicas e integradas de um modelo de desenvolvimento sustentável, através da preservação dos seus bens e valores patrimoniais, o que acabou por levar a um compromisso de cooperação académica também de intercâmbio docente e formação avançada.

A Ilha tem vindo a contar com múltiplas cruzadas nacionais e internacionais para a preservação do seu património, das quais há resultados nem sempre fáceis de perceber, pois o desejo tem sido superior à capacidade de realização e o sucesso de uma ação setorial não sobrevive à inação nos demais setores. Numa perspetiva em macro escala, externa, comparativa e de tempo longo, muito se tem perdido ou degradado no quarto de século decorrido desde o reconhecimento do *valor excecional* da Ilha pela UNESCO. Porém, o essencial permanece, sendo inegável o crescimento de uma consciência geral do seu valor e do potencial que tem para uma melhoria das condições de vida dos seus atores quotidianos. Foi com esse entendimento que, entre outras coisas, nos pareceu essencial alertar para a necessidade de se estudarem, definirem e implementarem diversas ações de forma cruzada, na sua maioria relativamente simples e exigindo poucos recursos, cuja resultante seja mais do que a soma das respetivas partes,

gerando-se, assim, uma dinâmica irreversível no médio e longo prazos. Por outras palavras, discutir e disseminar o potencial metodológico que políticas de ação estratégica têm para concretizar o que todos querem para a Ilha. Não temos dúvidas de que isso tem vindo a ser proposto — basta ver o que tem sido feito no âmbito do Cluster da Cooperação Portuguesa da Ilha de Moçambique (Camões e UCCLA) —, mas entendemos que a instalação da UniLúrio na Ilha é um dado novo com um extraordinário potencial estratégico, ou seja, suscetível de alavancar a definição e implementação, finalmente, de um modelo de desenvolvimento.

Tal como a preparação, funcionamento e orgânica do evento, tudo isso surge convenientemente explicado nas páginas que se seguem. Devemos, porém, realçar que o que esteve em causa e que agora é o objetivo central deste livro, consiste num contributo e ação serenos dentro do espaço da academia, com a projeção para o exterior que os agentes com responsabilidades de gestão territorial, política e cultural da Ilha entendam apropriada, e nunca um movimento com vista à sua substituição. Aconteceu, por exemplo, pouco depois, com o convite feito à Faculdade de Arquitetura e Planeamento Físico da Universidade Lúrio para integrar a equipa responsável pela elaboração do *Plano de Conservação e Gestão da Ilha de Moçambique 2018-2022*, o que tem vindo a fazer com grande diligência e adquire especial significado, se tivermos em conta que não participou na elaboração do *Regulamento de Classificação e Gestão do Património Construído e Paisagem Ilha de Moçambique*, aprovado em 2016, e do *Catálogo do Património Construído Classificado da Ilha de Moçambique* que o acompanha. Em suma, compete à academia investigar e disponibilizar-se para informar as políticas, não defini-las.

Esse princípio teve expressão central na orgânica do evento, no qual se procurou, por todos os meios, recolher informação, opinião e envolver o maior número possível de todos quantos contribuem ou contribuíram para a preservação patrimonial da Ilha, desde logo no processo de permanente interação com a UNESCO. E vem, assim, muito a propósito agradecer e prestar homenagem a Jens Hougard, Júlio Carrilho, Luís Lage e Solange Macamo, que mais uma vez não se fizeram rogados em se cruzarem connosco no *Oficinas* e neste livro. Foi também com base nesses princípios que fomos construindo a base de dados sobre a Ilha com que informamos os participantes no evento — e que, esperamos, o Centro de Estudos e Documentação da Ilha de Moçambique [CEDIM] venha a disponibilizar em linha —; que fizemos múltiplas visitas e entrevistas aos habitantes, agentes e instituições políticas e culturais; que promovemos os debates públicos, muito participados, sobre os trabalhos em curso; que abrimos a exposição provisória dos resultados e a grande festa final que foi a regata de *dhows*. Em suma, procurou-se fazer um evento da universidade em cruzamento com as pessoas e não apenas para as pessoas.

A exposição e este livro, que agora passam a ser a ata definitiva dos resultados do *Oficinas*, procuram refletir tudo isso. Por isso o imaginámos com o ritmo, a cor e a vida do evento, desde logo estruturando-o com base nas suas duas componentes essenciais: *Muhipiti [perspetivas]* — o conjunto de conferências proferidas, que individualizamos num papel verde e impressão monocromática; *Oficinas [caminhos]* — os resultados dos trabalhos desenvolvidos pelas oficinas, em papel branco e impressão a cores. Todavia, simbolicamente e não só, pareceu-nos ainda que tudo isso deveria ser composto por forma a exprimir a simbiose perfeita que, por mérito de todos, foi atingida durante os trabalhos, pelo que ambas as partes surgem sucessivamente cruzadas. É um livro não meramente composto, mas desenhado, que se desejou tão alegre quanto sério.

É um livro que dedicamos aos 50 colegas de várias origens e estatutos que trabalharam no *Oficinas*, que também o fizeram e que, connosco, o oferecem à comunidade de Muhipiti, com quem para sempre *estarão juntos*.